

OS LIVROS DE 1º E 2º MACABEUS SERVEM COMO FONTE HISTÓRICA INTERPRETATIVA PARA O CHIFRE PEQUENO DE DANIEL 8? UMA ANÁLISE CRÍTICA HISTÓRICA AOS LIVROS DOS MACABEUS.

Amaro Vilhena de Araújo Júnior

Leopoldo dos Santos Moraes

João Antônio Rodrigues Alves

RESUMO

A presente pesquisa a seguir tem por objetivo analisar a confiabilidade ou não dos livros de I e II Macabeus como fonte histórica e interpretativa para a profecia do chifre pequeno registrada em Daniel 8:8-12. Dado que a má compreensão da profecia irá influenciar diretamente em sucessivos erros interpretativos das profecias registradas no livro de Daniel. Foram analisados registros históricos que partem desde o autor de I e II Macabeus e suas intenções, o Historiador Flavio Josefo e demais autores que alcançam os dias atuais. O estudo permitiu conhecer sobre as várias formas de interpretação profética e os diferentes cumprimentos para o chifre pequeno. A metodologia utilizada delimitou-se em uma pesquisa bibliográfica centralizada em artigos, revistas, livros, periódicos, documentos eletrônicos e os demais sinônimos que tem relevância e autoridade ao falar sobre o assunto referido, totalizando 40 materiais que contribuíram para a produção deste estudo. Conclui-se que os livros de I e II Macabeus não são confiáveis para interpretar a profecia do chifre pequeno e nem como um material histórico confiável, e a tradição, neste caso, leva ao engano e por isso deve ser desconsiderada.

Palavras-chave: Antíoco. Macabeus. Josefo. Confiabilidade. Historicidade.

ABSTRACT

The following research aims to analyze the reliability or not of the books of I and II Maccabees as a historical and interpretative source for the prophecy of the little horn recorded in Daniel 8:8-12. Given that poor understanding of prophecy will directly influence successive interpretative errors of the prophecies recorded in the book of Daniel. Historical records ranging from the author of I and II Maccabees and his intentions, the Historian Flavio Josefo and other authors who reach the present day were analyzed. The study allowed us to know about the various forms of prophetic interpretation and the different compliments for the little horn. The methodology used was delimited in a bibliographic research centered on articles, journals, books, periodicals, electronic documents and other synonyms that has relevance and authority when talking about the subject mentioned, totaling 40 materials that contributed to the production of this study. It is concluded that the books of I and II Maccabees are not reliable to interpret the prophecy of the small horn or as a reliable historical material, and tradition in this case leads to deception and therefore should be disregarded.

Keywords: Antiochus. Maccabees. Josephus. Reliability. Historicity



1 INTRODUÇÃO

O capítulo 8 de Daniel é o pilar que fundamenta a origem da igreja adventista do sétimo dia. Imerso neste texto existe a visão do chifre pequeno em Daniel 8:9. De acordo com a interpretação histórico-gramatical (historicista), o cumprimento desta profecia representa Roma em ambas as fases: pagã e papal.

Observando isto, vemos que a identificação do chifre pequeno em Daniel 8 enfrentou inúmeras interpretações ao longo da história feitas por Flávio Josefo, Hipólito, Porfírio entre outros que alcançam os dias atuais. A partir do século XVI surgem duas formas de interpretação bíblica que se destacam entre os principais críticos-históricos, são elas: os preteristas e os futuristas. Estas convergem sua interpretação para o cumprimento da profecia de Daniel 8:9-12 no rei selêucida Antíoco IV Epifânio, descrito nos não-canônicos livros dos Macabeus, divergindo assim da posição adotada pelos Adventistas do Sétimo Dia.

Antíoco foi rei entre os anos de 175 – 164 a.C. registrado com maior veemência nos livros dos Macabeus. Foi considerado como um dos principais responsáveis pelo massacre acometido aos judeus no período de 167 a.C até morrer de remorso em uma cama no ano em 164 a.C (1 Mac 6:12-16). Sendo registrado pelo livro de 1 Macabeus como um dos mais perigosos inimigos do povo de Israel (1 Mac 1:36).

Perante este pano de fundo mostrado acima, surgem os seguintes questionamentos: Poderia o escritor Macabeu ser utilizado como fonte histórica correta para a identificação do chifre pequeno de Daniel 8 como sendo Antíoco IV Epifânio? Seria o livro de Macabeus uma fonte histórica confiável para o cumprimento dessa profecia? Partindo dessas perguntas, a pesquisa seguirá sua explanação e desenvolvimento para responder tais argumentos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 PONDERAÇÕES GERAIS DA IDENTIFICAÇÃO DO CHIFRE PEQUENO

Willian H. Shea, no artigo “Desenvolvimento inicial da interpretação de Antíoco Epifânio” (SHEA, 2011, p. 217; 223; 224; 231), percorreu períodos históricos que vão desde a interpretação inicial dos judeus quanto à profecia de Daniel, passando pelo primeiro escritor judeu a interpretar Antíoco como o chifre pequeno (Flávio Josefo), em seguida Hipólito, o primeiro intérprete cristão a aplicar o símbolo do chifre pequeno a Antíoco, passando pelo filósofo neo-platônico Porfírio, até chegar em Jerônimo. Um breve resumo dos autores que Shea analisou em seu artigo, comprova um acervo de material essencial para a pesquisa delimitada neste trabalho, pois ao saber da opinião histórica e profética de tais autores relevantes, se vê a importância do conhecimento acerca das profecias de Daniel 8, em relação com o chifre pequeno e as demais linhas de pensamentos (preterista e futurista).

Shea destaca que dentre as diversas interpretações que surgiram, muitas delas necessitaram de adaptações ou mudanças, que segundo ele apresenta uma dificuldade que os

intérpretes tiveram ao apontar a profecia cumprindo-se em Antíoco. Muitos desses posicionamentos, dividiram pela metade o período de 2300 tardes e manhãs (Dn 8:14), para que o tempo de 1150 dias se adequasse aos 3 anos de opressão antioquena. O autor salienta a necessidade de muitos intérpretes de adaptar vários elementos históricos e proféticos, para que o período de tempo pudesse se encaixar aos eventos de 1 Macabeus. Portanto Shea se posiciona contrariamente a identificar Antíoco IV como o cumprimento da profecia de Daniel 8.

Seguindo a posição mostrada acima, Willian H. Shea, em seu artigo “Seria Antíoco IV o chifre pequeno de Daniel 8?”, publicado no livro “Interpretação profética”, de 2016”, adota uma posição de apologética do método historicista, que fundamenta os princípios de interpretação dos ASD. Por mais que em seu artigo busque exemplificar novamente sobre os métodos de interpretações (preterista e futurista), o autor se dispõe a apresentar uma análise gramatical, de sintaxe exegética e histórica em relação com a interpretação do Chifre pequeno. Shea, apresenta os dois lados das teorias relacionadas a profecias, tantos argumentos prós e contras ao cumprimento da profecia em Antíoco. Todavia, ao apresentar os argumentos contra essa linha de pensamento relacionada a Epifânio, o autor evidência indícios históricos que desfavorecem a posição antioquena.

Um dos pontos principais está relacionado aos “grandes feitos” que possivelmente o rei selêucida teria feito contra a Judeia (Profanação do templo, guerras, destruições, decretos, etc.), entretanto, Shea (2016) afirma que os feitos de Antíoco eram basicamente uma continuação de Antíoco III, que já havia dominado boa parte do reinado Ptolomaico do Egito, restando apenas algumas guerras no Baixo Egito para Antíoco. Além disso, Antíoco foi frustrado em alguns de seus feitos tendo perdido algumas batalhas contra o Judeu Macabeu, até morrer no ano de 164 a.C. (SHEA, 2016, p. 50). Ao fazer essa retrospectiva, Shea destaca as controvérsias e dificuldades que o cumprimento da profecia de Daniel 8 tem para se ancorar em Antíoco, o que consequentemente leva a crer, pelo autor, que tal cumprimento aponta para eventos muito maiores que já aconteceram no passado e que ainda hão de cumprir-se no futuro.

Na obra História dos Hebreus - de Abrão a queda de Jerusalém, escrita pelo historiador judeu Flávio Josefo (2004, p. 478), que viveu de 37 a 103 d.C., são descritos vários momentos do povo de Israel. Esta obra é relevante para o artigo visto que Josefo é um dos mais antigos autores a apresentar uma interpretação do chifre pequeno em Daniel 8. Josefo considera o caráter profético do livro de Daniel, assume que Daniel foi profeta usado por Deus, leva em consideração toda descrição que Daniel faz acerca do trabalho destruidor que o chifre pequeno praticou contra o povo judeu, a lei e o serviço do santuário, e conclui que o cumprimento de Daniel 8:9 se dá em Antíoco IV Epifânio. Deve ser observado, porém, que Josefo não realiza uma exegese do texto daniélico, senão que é conduzido em sua exposição pela narrativa encontrada nos livros dos Macabeus, os quais utiliza como fontes autoritativa e interpretativa do livro de Daniel.

Ricardo Abos-Padilla (2001, p. 78), em um artigo sugestivamente intitulado “Defesa de



Antíoco IV Epifânio”, apresenta um posicionamento bem diferente de Flávio Josefo. O argumento de Abos-Padilla é que a profecia de Daniel 8:9 não se cumpre em Antíoco IV Epifânio dadas as evidências históricas de quem foi e o que fez e também atribui a associação de teólogos ao mesmo posicionamento de Josefo a um estudo superficial das evidências históricas ou uma total falta de comprometimento com a verdade. Conclui o texto sugerindo a revisão total ou mesmo a rejeição do escrito Macabeu como fonte interpretativa para Daniel 8:9.

No artigo de J. Paul Tanner (2001, p. 1) intitulado “A ascensão de Antíoco IV Epifânio e seu ataque contra a Judéia ” (tradução nossa) encontra-se uma contextualização da ascensão de Antíoco IV ao poder do reino selêucida sucedendo Alexandre, o Grande, e posteriormente faz por meio de Macabeus uma relação histórica com os eventos descritos em Daniel 8 e 11, desta forma o autor defende que o conhecimento histórico da vida de Antíoco é fundamental na compreensão dos eventos descritos por Daniel em seu livro, o que de forma conclusiva atesta seu posicionamento em relação a Daniel 8:9 sendo cumprido em Antíoco IV Epifânio.

Lester Grabbe (1992, p. 256) apresenta os eventos que antecederam e sucederam durante o domínio selêucida, o que abrange os feitos de Antíoco IV Epifânio. Porém o autor destaca que o registro Macabeu dos eventos de “opressão” exercido por Epifânio, são um ato de “marketing” ou vanglória para a elevação dos feitos de Matatias e dos seus filhos, destacando Judas Macabeu. Em sua avaliação, esse tipo de apresentação dos fatos históricos merece um cuidado especial e análise minuciosa, partindo do pressuposto de uma supervalorização dos eventos que podem não condizer com a realidade dos fatos ocorridos no passado, pois Antíoco, segundo o autor, estava mais interessado em questões políticas, e não religiosas.

Arthur Ferch (1983, p.133 - 135), mostra a relação do livro de Daniel com a tese Macabeia. A tese Macabeia, defendida pelos intérpretes críticos, afirma que os eventos e desenvolvimento do livro de Daniel se situam no período da perseguição de Antíoco Epifânio no II Século a.C., o que invalidaria a data de composição do livro mantida pelos teólogos conservadores, durante o Século VI a.C., durante o cativeiro babilônico. Ferch apresenta três argumentos que regem seu posicionamento contra os pensamentos da tese Macabeia. O que mais se destaca são as “inexatidões” históricas que segundo o autor carece de mais detalhes e autenticidade histórica referente a um possível escritor Macabeu. Tal posicionamento da tese, rejeita qualquer evento profético descrito em Daniel que aponte para o futuro e limita-o apenas ao contexto das perseguições do rei selêucida, que segundo o autor, não apresenta argumentos que fundamentem, de maneira satisfatória, tal afirmação.

Norman Geisler (1997, p. 100), em seu livro “Introdução bíblica: como a bíblia chegou até nós”, mostra principalmente no capítulo referente ao desenvolvimento do cânon do antigo testamento, uma investigação quanto a valorização e desenvolvimento do processo de canonicidade dos livros que são conhecidos atualmente no mundo religioso. Ao apresentar as evidências que validam os livros canônicos conhecidos hoje, Geisler mostra as evidências doutrinárias e históricas que desqualificam os livros considerados “apócrifos”, dentre

eles I e II Macabeus.

A respeito do rei Antíoco IV Epifânio existe muito trabalho produzido, principalmente no seu papel contra os judeus registrado em I e II Macabeus. Por outro lado, não há um posicionamento unânime sobre as reais motivações de Antíoco. Na tese doutoral sobre Um império á beira da destruição: a estabilidade do império selêucida sob Antíoco IV, tradução nossa, Tyller Campbell (2014, p. 54; 63), ele aborda a revolta dos Macabeus e explica que havia um grupo de judeus que eram a favor da helenização e outros contra, mas até 170 a.C o conflito não era grande, posteriormente é que os decretos seriam emitidos e haveria um ataque maior ao templo e seu serviço, e várias proibições religiosas aos judeus, tudo isso com o objetivo de helenização do povo de Jerusalém. Mas o que se pode observar é que as intenções do rei selêucida eram, primariamente, de interesses meramente políticos

No artigo por nome Antíoco IV Epifânio e os Judeus: uma reavaliação, o historiador Łukasz Niesiołowski Spanò (2016, p. 2) busca apresentar uma reavaliação da história contada e reafirmada de maneira tradicional e quase sem uma avaliação mais acurada, fazendo com que ocorra apenas uma reprodução de pesquisadores anteriores. Do ponto de vista do autor os eventos descritos podem ter sido utilizados de maneira propagandista, fazendo com que a imagem de Antíoco parecesse ser bem pior do que verdadeiramente era.

Por sua vez, Goldstein (1976, p. 34) em seu comentário sobre o primeiro livro dos Macabeus, examina os fatos históricos que englobam os registros feitos no período da invasão selêucida. Não somente os eventos históricos, como também os aspectos teológicos. Todavia, Goldstein ao avaliar a intenção do autor do livro em registrar os feitos descritos nas invasões, salienta que o autor seguiu um determinado padrão grego de “história patética”, que levava ao leitor emoções intensas da história retratada, em que eram descritos relatos de perseguições cruéis e um heroísmo implacável da “resistência” (Judas macabeu e seu exército). Esse “padrão grego” de contagem de estória remete mais ao fictício que à realidade dos fatos, pois abusava de constante linguagem retórica e sensacionalista.

Maria Brutti (2006, p. 177), em seu livro O Desenvolvimento do Sumo Sacerdócio durante o Período Pré- Hasmoneu: História, Ideologia e Teologia, aborda o sumo sacerdócio durante o período de helenização. Diante disso, ela faz um levantamento histórico dos eventos que envolvem Antíoco IV Epifânio e o livro dos Macabeus e de acordo com a maioria dos autores referenciados, os livros apresentam “vários problemas. Sobretudo há a questão de sua autenticidade” que por isso “atraiu muitas críticas dos estudiosos”. Interpolações e um claro propósito ideológico de propagandear, no livro de II Macabeus, são características dessa literatura que mais contribuem para o seu descrédito.

Com isso, fica claro que há uma grande quantidade de autores que buscam se posicionar em relação ao escrito macabeu, entretanto há uma grande parcela desses que observam sérias incongruências nos eventos registrados no livro, bem como nos interesses de Antíoco IV Epifânio, que o autor macabeu buscou destacar. Pelos motivos apresentados acima, e a clara importância de se compreender, de maneira correta, a profecia de Daniel 8, que este trabalho se faz tão relevante.



3 OS PRIMEIROS A UTILIZAREM MACABEUS

Propositalmente o processo de informação e desenvolvimento de conhecimento pode ser relacionado a dois fatores: a disseminação de ideias corretas e fundamentadas, ou na propagação de pensamentos que viabilizam o favorecimento de teorias. Sabendo disto, cabe a este capítulo a análise dos principais responsáveis pela interpretação e descerramento das profecias daniélicas. Porém, muito antes das principais escolas de interpretação serem fundamentadas, existiram pensadores que foram responsáveis pelo crescimento e amadurecimento dessas escolas.

3.1 JOSEFO

Um dos primeiros, além do escritor desconhecido Macabeu, Josefo (37 – 100 a.C) foi um judeu, intérprete e historiador responsável por apontar uma possível interpretação as profecias de Daniel, utilizando como fonte histórica os livros dos Macabeus (SHEA, 2011, p. 217). Josefo, em seu clássico livro “a história dos Hebreus”, oferece uma interpretação da profecia de Daniel 8, em que aplica o chifre pequeno, saindo dentre os 4 chifres (Dn 8:8-9), identificado pelo autor como o rei selêucida Antíoco IV Epifânio (175-164 a.C), que ofereceria uma grande opressão e perseguição com os de Jerusalém, tomaria o lugar e perverteria as cerimônias dos judeus, por um tempo de 1296 dias (JOSEFO, 2004, p. 477). Período este que Josefo atribui ao registro macabaico, que cobre 3 anos de “opressão” oferecido por Antíoco IV (I Mc 1:29-64; II Mc 5:5-14, 6:1-11).

3.2 HIPÓLITO

Hipólito de Roma (160 – 236 a.C) foi o primeiro intérprete cristão a identificar Antíoco IV Epifânio como o chifre pequeno de Daniel 8. Ele foi Bispo, discípulo de Irineu e teve um impacto positivo no assunto sobre a interpretação profética, ainda que, quando revisada, percebe-se muita dubiedade, já que ele aplica diferentes métodos de interpretação ao livro de Daniel. Em certos casos o historicismo, em outros o futurismo e, no caso específico de Daniel 8, o preterismo. Teve suas interpretações divergidas dos seus contemporâneos (Irineu, Clemente, Orígenes e Júlio Africano), que em boa parte discordavam de seus pensamentos (SHEA, 2011, p. 252). Hipólito foi uma base importante e fundamental para o próximo intérprete, sendo este aquele que baseou sua tese nos comentários de Hipólito.

3.3 PORFÍRIO

Porfírio foi o primeiro filósofo pagão a apresentar uma interpretação das profecias do livro de Daniel. Em sua obra *Contra os Cristãos* escrito por volta dos anos 270 e 280 d.C., de-

dicou uma parte de seu tratado para apresentar suas interpretações relacionadas a Daniel. (EDDY, 1961, p. 198 - 210). A ideal principal do livro é que, Daniel foi um profeta judeu, que teve seu nome atribuído ao livro, porém não foi escrito por ele em si, mas sim por alguém que testemunhou os eventos históricos relacionados com a perseguição de Antíoco. Possivelmente, segundo Porfírio, o autor “original” foi um judeu helenizado. (MALUF, 2009, p. 63) Se os eventos ali registrados, foram feitos por alguém que vivenciou a opressão selêucida, automaticamente tudo o que fora registrado em Daniel, não passa de um registro histórico que viabilizava apresentar a superação judaica e sua vitória acima do eventos “supostamente proféticos-apocalípticos”, vaticinium ex evento, em que seu cumprimento se encontrava no período passado, e não em um futuro premeditado. Isso foi tão defendido por Porfírio, ao ponto de leva-lo ao posto de um dos pais do preterismo.

4 ESCOLAS DE INTERPRETAÇÃO PROFÉTICA

4.1 IDEALISMO

A interpretação acompanha o processo de conhecimento desde os primórdios. Toda e qualquer linha de raciocínio que se fundamenta em um determinado conjunto de ideias, necessita ser ponderada a luz de uma “interpretação”. Dado a importância deste pensamento, observa-se que se feita de maneira tendenciosa ou equivocada, presumivelmente será capaz de reportar linhas de raciocínios que divergem do sentido ou lógica que o assunto deveria apresentar, caso fosse analisado da “forma correta” e “coerente”. Dito isto, partiremos agora para as linhas de interpretações proféticas que encontraram sua base nos autores citados acima. Para falarmos das mesmas, precisamos entender que estão enquadradas em duas linhas, são elas: não-histórica e histórica (VILANOVA, 2016, p. 19-20).

O Idealismo não compreende que os eventos descritos em profecias apocalípticas são enquadrados dentro de um período determinado na história, contudo são interpretados, apenas como aprendizados em um sentido mais alegórico. Para o idealismo, existe uma luta “bem e o mal” registrados nos aspectos apocalípticos, “que não se aplica em eventos históricos lineares ou recorrentes” (STEFANOVIC, 2002, p. 9). Esses eventos então “profetizados”, seriam apenas um registro que levaria o povo a receber uma certa esperança e “encorajamento de Deus” (ibid., p. 10) para enfrentar as labutas e dificuldades que estes passariam.

Na linha de interpretação histórica existem três expoentes: Preterismo, futurismo e historicismo.

4.2 PRETERISMO

O Preterismo é uma linha de interpretação que pode ser dividida em duas partes: o radical e moderado. Os teólogos da linha radical da escola preterista acreditam que as profecias do Novo Testamento já se cumpriram. (SPROUL, 2016, p. 19 – 21). Ou seja, nenhuma



delas teria qualquer tipo de validade ou cumprimento relacionado com o futuro ou que apontasse para ele. Todavia, o Preterismo moderado ou parcial, acredita que ainda há eventos bíblicos proféticos para acontecerem, por exemplo: “O julgamento final”, “o dia do Senhor” e a “ressureição e arrebatamento”. (TAYLOR, 2020, p. 2). Por mais que ambas compartilhem de pensamentos parecidos, o Preterismo moderado salienta e diferencia-se nesses aspectos.

Diante desta realidade, o Preterismo em sua interpretação profética de Daniel, precisamente nos capítulos relacionados aos eventos do chifre pequeno (Dn 9) afirmam que, o responsável pela perseguição e opressão seria o rei selêucida Antíoco IV Epifânio, pois exerceu uma marcha helenista contra os judeus no período que segundo os preteristas abrangem tudo que fora descrito por Daniel em relação ao chifre pequeno. Esta ocasião abrange o período neobabilônico até a primeira metade do segundo século (SHEA, 2011, p. 180).

4.3 FUTURISMO

Por sua vez, o futurismo também é subdividido em extremos e moderados. Os futuristas extremos creem na dispensação, isto é, que a história humana está dividida em sete dispensações (CHAMPLIN, 2014, p. 362) Dentro desta interpretação, estes defendem o “pré-tribulacionismo”, em que “a igreja será arrebatada antes da grande tribulação” (VILANOVA, 2016, p. 21) Os futuristas moderados assumem uma posição contrária aos extremos. De maneira geral o futurismo afirma que, mesmo que eventos proféticos que possam acontecer ao decorrer da história, terão seu cumprimento apenas no “tempo do fim”.

Neste segmento de interpretação profética, desenvolvido por Francisco Ribera (1537 – 1591) em resposta aos posicionamentos adotados pelos reformadores no século XVI, a profecia de Daniel que registra a perseguição e assolação do povo de Deus no capítulo 9 é aplicada nos “últimos dias”. (RAMOS, 2012, p. 22-23) Ou seja, todo o qualquer evento relacionado ao decorrer da história ou eventos que englobem períodos históricos recorrentes, tem seu cumprimento unicamente em momentos que antecedem a segunda vinda de Cristo ou que serão posteriores a ele, inclusive o aparecimento de um “anticristo” que será responsável pela opressão daqueles relatados nas profecias daniélicas. Os métodos preterista e futurista são utilizados hoje fortemente pelos críticos-históricos e teólogos da alta crítica, que encaram a bíblia de maneira diferente da próxima escola a ser exemplificada (SHEA, 2011, p. 277-278).

4.4 HISTORICISMO

O historicismo é o método que foi utilizado por Lutero, Calvino entre outros reformadores. Tal abordagem causou um grande desconforto ao afirmar que a igreja romana é o anticristo predito em Daniel 8 e fundamentando-se no estudo de diversas profecias bíbli-

cas. Esta interpretação profética afirma que, os cumprimentos das profecias apocalípticas ocorrem no desenrolar da história humana e na igreja de Deus. Este método é datado do II Século a.C, com Justino Mártir (100-165 a.C) e Irineu de Lion (130 – 202 a. C), professor de Hipólito (FROOM, 1950, p. 244 Apud VILANOVA, 2016, p. 32). Irineu escreveu comentários sobre o livro de Daniel, nos quais utilizou tanto o método historicista, quanto o método futurista em suas conclusões (BENNETT, 2009, p. 220-230). A interpretação historicista hoje é a base que fundamenta as interpretações de Daniel e apocalipse dos Adventistas do Sétimo Dia.

Antíoco é visto pelo método historicista apenas como um rei selêucida que exerceu pouca influência nas profecias de Daniel. Se encarado como os preteristas e futurista, este método de interpretação precisaria fazer inúmeras alterações e mudanças em suas conclusões. Os historicistas, não veem Antíoco IV Epifânio como um opressor ou perseguidor, até mesmo um “anticristo”, de acordo com o futurismo, este foi apenas um rei que exerceu uma função minúscula na linha geral das profecias de Daniel. (SHEA, 2016, p. 51). Então, segundo os historicistas, qualquer tipo de interpretação que busque vincular Antíoco com eventos futuros ou passados em uma interpretação apocalíptica ou profética é visto como incoerente e insatisfatória.

5 PRINCÍPIOS NORMATIVOS DE CANONIZAÇÃO

O processo de canonicidade da Bíblia passou por várias etapas até chegar ao que conhecemos hoje. Este processo natural foi acompanhado de inúmeras posições da cristandade e das autoridades eclesásticas, sobre a identificação de quais seriam os livros verdadeiramente inspirados por Deus (BRUCE, 1988, p. 259), ou seja, os livros canônicos, de acordo com Edesio Sanches (1998, p. 155). Este processo é prefigurado por algumas maneiras de identificar se os livros bíblicos conversam entre si, se detém uma coerência que os qualifique para o seu propósito não somente histórico, mas, sagrado e diante disso ser possível “discernir os espíritos” (BRUCE, 1988, p. 259-260). Observando isso, alguns autores expõem características que determinam a relevância para a canonicidade dos livros.

Se for levado em consideração o aspecto de inspiração Divina em relações aos escritos bíblicos, devemos observar que o processo de canonização apenas determina aqueles que foram diretamente dados por Deus para o seu povo. Ou seja, os responsáveis por configuração da bíblia, propositalmente foram guiados a evidenciar a importância dos livros, não por estes serem os apontadores do que é considerado como inspirado ou não, mas somente em reafirmar o que Deus já fez no processo de inspiração. (GEISLER, 1997, p. 67). E é por meio do cânon das escrituras que se identificam os “limites entre lo divino y lo humano” (SANCHES, 1998, p. 155).

5.1 DIRETRIZES NORMATIVAS



5.1.1 Autoridade

Segundo Geisler (1997, p. 67- 68), existem pelo menos 5 diretrizes que atestam a canonicidade de um livro. O primeiro deles apresenta a autoridade do livro, ou seja, será que este livro “bíblico” evidencia ser proveniente de Deus e que recebera sua inspiração? Segundo o autor, o escrito precisa primariamente apresentar argumentos internos que o relacionem com a inspiração, como exemplo a frase “Assim diz o Senhor”, que é encontrada de maneira recorrentes em livros proféticos como Jeremias, Isaías, Ezequiel entre outros, assim como as demais frases como “A palavra do Senhor veio a mim” e “O senhor me disse”, que são frases que mostrar a condução de Deus ao Seu povo educando-o e corrigindo-o ao longo da história. E não somente evidências internas nos livros são demonstrações de sua autoridade, mais também o fato dos livros no novo testamento referenciarem uma grande variedade de livros do antigo testamento em seus escritos (SANCHES, 1998, p.155-185).

5.1.2 Autoria profética

A segunda diretriz (GEISLER, 1997, p. 68-69) mostrada é a autoria profética de um livro, pois de acordo com II Pedro 1:20-21, diz que “Nenhuma profecia da escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo”. Diante deste princípio os autores bíblicos recebiam um dom para não somente receber a revelação Divina, mas, para difundi-la também. Sabendo disto, os escritos só eram aceitos pela cristandade a irrefutável certeza de que esses livros tivessem saído das “Mãos” de um mensageiro de Deus.

5.1.3 Confiabilidade

A terceira representa (GEISLER, 1997, p. 70) o aspecto de confiabilidade do livro. A confiabilidade de um livro passa pelos princípios e ensinamentos que esse livro traz consigo. A partir do momento em que uma literatura entra em contradição com ensinamentos previamente registrados em outros, ele torna-se desconfiável (ROBERT; FEUILLET, 1970, p.65). Como exemplo disso, vemos o texto de Atos 17:11, com a história dos crentes de Beréia, pois ao ouvirem os ensinamentos de Paulo compararam com o Antigo Testamento. “O livro não pode vir de Deus e ao mesmo tempo apresentar erros”; a partir desses princípios é que surgem as incongruências com os demais livros conhecidos como apócrifos ou pseudoepígrafos. (GEISLER, op. cit., p. 70)

5.1.4 Transformação

A quarta diretriz (ibid., p. 71) é as vezes esquecida ou menor valorizada. Os livros canô-

nicos presumivelmente precisam apresentar um aspecto transformador na vida dos leitores, ou seja, a capacidade de “transformar vidas”. Todos os ensinamentos, dos livros reconhecidamente canônicos devem possivelmente, influenciar positivamente a vida dos que tiverem contatos. Cristo em seu ministério afirmou: “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8:32). A mentira, segundo o próprio Cristo não liberta e apenas confunde. Então qualquer livro que apresente mentiras ou falsidades doutrinárias, devem ser colocados em análise e se necessário deveriam ser terminantemente rejeitados.

5.1.5 Aceitação

E por fim, a quinta diretriz é a aceitação do livro (ibid., p. 72). Como dito acima, todos os aspectos e diretrizes são pautados na relação de Deus com o povo e seu guiar durante as histórias registradas. Então, este mesmo povo consequentemente tem a capacidade de reconhecer aquilo que fora escrito e destinado por Deus através dos seus profetas e demais escritores. O povo de Deus de acordo com as escrituras não é apenas um povo específico, contudo está espalhado pelo mundo. Em face disto, nunca um escrito era tido como confiável e aceito pela comunidade cristã sem que outros afirmassem o mesmo. Alguns livros foram recebidos e aceitos quase que indiscutivelmente, como os escritos de Moisés, as cartas Paulinas (I Te 2:13) e os demais apóstolos (II Pe 3:16).

5.2 POR QUE O LIVRO DOS MACABEUS NÃO ESTÁ NO CÂNON JUDAICO E PROTESTANTE?

Porém, alguns outros livros necessitaram de profundo estudo para chegarem até o número final de 66 livros. Apesar do Cânon ser composto pelos 66, somente os 39 do Antigo testamento Protestante e os 24 do Antigo testamento Judaico (SANCHES, 1998, p.160), serão ponderados, pois apensar da discordância de números, o conteúdo e os livros são basicamente os mesmos. Porém, por volta do século XVI uma adição de livros apócrifos por parte de igreja Romana, foi responsável pela pauta que está sendo deliberada até o momento (BRUCE, 1988, p. 98-115).

Tendo os princípios apresentados anteriormente como base para a confirmação da canonicidade bíblica, iremos ponderar os motivos que reiteram e reafirmam a discórdia apresentada nos livros de I e II Macabeus, somente. Boa parte dos principais autores que se disponibilizam em falar sobre os argumentos que pesam em relação aos apócrifos, concordam em vários aspectos que os desqualificam desta posição (APOLINÁRIO, 1990, p. 137). Algumas dessas deliberações serão apontadas agora para que seja feita a devida análise de cada um deles.

5.2.1 Por não reivindicar sua autoridade



Em relação a sua autoridade os livros de I e II Macabeus internamente não apresentam explicitamente ou implicitamente algum vínculo que os relaciona com uma mensagem dada diretamente por Deus. Isto implica em sua autoridade não somente histórica, mas, sagrada, pois se um livro que se dispõe a conta a história de um evento “importante” para a história dos judeus e nem ao menos está no Cânon Judaico, possivelmente a comunidade não apenas cristã protestante, mas, judaica optou por desqualificá-lo como um livro inspirado (RYLE, 1904, p. 173-174). No texto de II Mc 15:37-39, a conclusão do livro remete a um escritor que não reivindica a inspiração. Suas palavras de maneira geral no contexto da passagem, mostra um autor despreocupado com o conteúdo que escreveu. Quando lemos “Se o fiz bem, de maneira conveniente a uma composição escrita, era isso que eu queria; se francamente e de modo medíocre, é o que eu consegui fazer” (v.38), observamos um desleixo do autor com a fidedignidade do conteúdo que ele mesmo escreveu. Se o próprio autor “desqualifica” seus escritos será que deveríamos confiar em seu conteúdo?

5.2.2 Pois sua autoria é desconhecida

O autor macabaico é desconhecido. A comunidade teológica em geral atribui sua autoria a um judeu ou contemporâneo judaico que viveu nos momentos que os eventos que seguem o livro aconteceram (FERCH, 1983, p.129). Todavia, essa autoria desconhecida implica em algumas incongruências que dificultam a “imparcialidade” do autor nos registros históricos (será abordado em tópicos posteriores). O ponto em questão limita-se a seguinte pergunta, poderia um autor desconhecido, que supostamente viveu no período dos eventos históricos, ter relatado o fim de uma profecia do livro de Daniel? Muitos autores, como Josefo, Porfírio, Hipólito conhecidos no mundo cristão, foram os primeiros a atribuírem o cumprimento das profecias de Daniel a Antíoco (Eventos que o livro aborda), baseando-se no registro macabaico. Porém, esses mesmos autores necessitaram mudar alguns períodos de tempo registrados em Daniel 8-9 para assim “caber” no período da opressão antioquena de 3 anos e meio (JOSEFO, 2004, p. 478).

5.2.3 Porque existem erros teológicos e doutrinários

Caso o livro apresente possíveis erros teológicos, segundo os parâmetros de qualificação canônica, este livro não deve ser posto em consideração. O livro dos Macabeus apresenta dois erros doutrinários graves, sendo que um deles não é considerado hoje como “erro teológico” pois favorece uma determinada comunidade cristã. O Judeu Macabeu, filho de Matatias, após a morte de seu pai “exerce” a função de sacerdote e promove atividade de um sacerdote devidamente ordenado (I Mc 2:1). Entretanto, o livro Macabeu não registra que isso aconteceu ou que o Judeu Macabeu apresenta indícios anteriores que permitiam a ele exercer tal ofício sagrado no meio judeu.

Qualquer trabalho feito por ele junto aos seus liderados judeus não teria valor algum,

além de ser uma afronta a tradição judaica e suas diretrizes (BRUTTI, 2006, p. 7). Em segunda instância a oração pelos mortos (II Mc 12:45,46;4). No evento em questão é registrado pelo autor Macabeu um “sacrifício expiatório pelos mortos”. Na campanha contra Górgias, o Judas liderou os judeus contra o exército do governador da Iduméia (II Mc 12:23). Todavia, alguns judeus vieram morrer por conta da batalha. Em resumo, atribuíram a morte dos judeus ao descumprimento da lei judaica, pois estes estavam com objetos consagrados aos ídolos pagãos e assim estavam em “pecado” (v. 40). Após isso, Judas exortou o povo sobre esse acontecimento e ofereceu uma oração pelos mortos a fim de perdoar seus pecados (v. 42), bem como um sacrifício expiatório.

Este evento, até os dias atuais é utilizado para justificar a oração pelos mortos e a doutrina do purgatório defendida pelo catolicismo (CATECISMO CATÓLICO, 1992, p. 337). Isto, somente foi possível no concílio de Trento (SERRANO, 2008, p. 54), em que os livros apócrifos foram adicionados ao cânon católico a fim de fundamentar uma doutrina que a Bíblia em seus demais livros não aprova ou converge (Dt 18:10 – 12, Ec 9:5-6), o que nos leva a crer que esta adição de livro foi feita somente em detrimento de uma base doutrinário, desconsiderando os demais registros bíblicos, dos livros canônicos que não aprovam esse feito. A partir do momento que entendemos que os livros bíblicos necessitam convergir, não havendo contradições entre si, automaticamente o livro dos Macabeus torna-se desqualificado baseando-se nas diretrizes acima mencionadas.

6 ESTUDO DAS FONTES HISTÓRICAS

6.1 CRÔNICAS DE NABONIDO

De acordo com Caroline Waerzeggers (2015, p. 97), que desenvolveu um trabalho de estudo sobre as “crônicas de Nabonido” e a sua veracidade histórica. Ela exemplificou pensamentos que disponibilizam dois aspectos que são relacionados com o estudo das fontes históricas e as intenções através delas. Por conseguinte, ela expõe que na comunidade de historiadores não existe uma unanimidade em relação a comprovação de registro histórico, porém, estes dividem esses registros em duas categorias que validam ou não se há alguma intenção de distorção do (s) autor (es) ao relatar o fato.

Waerzeggers (Ibid., p. 97), exemplifica um aspecto de “distorção, ao falar sobre os textos cuneiformes de alguns sacerdotes persas, que resolveram colaborar com as conquistas do reinado persa e “desacreditar” o reinado de Nabonido. Assim, escrevem um texto tendencioso que buscava uma propaganda de excelência para os feitos persas. Isso mostra que alguns autores buscam favorecer determinados eventos, somente em prol de um feito inexistente ou com claro propósito de distorção da verdade.

6.2 ESCRITOS JOSEFICOS



Este mesmo princípio presumivelmente pode ser utilizado para questionar a confiabilidade de documentos antigos. Diante desse panorama existem muitos questionamentos que surgem sobre a veracidade dos registros históricos feitos por Flávio Josefo (2004, p. 416). Zvi Yavetz (1951, p. 159), analisando os relatos históricos feito por Josefo a respeito da guerra entre os Romanos e os Judeus, diz que o maior problema é se Josefo deveria ser acreditado sobre todo o seu relato do evento. Bernayz, que estuda sobre a destruição do templo de Jerusalém, não aconselha a utilização dos escritos Joseficos como fiel ao evento. O autor evidencia que existem outros autores que merecem mais credibilidade (BERNAYZ, 1951, p. 159 Apud YAVETZ, 1975, p. 418).

Ainda neste pensamento, Alon e Weiler (1951, p. 162 Apud YAVETZ, 1975, 417) convergem quando retratam sobre Josefo. Ambos concordam que Flávio Josefo se contradiz em muitos aspectos quando registra a destruição do templo praticada por Tito e fica claro na forma com que foi registrado o evento, que Josefo teve a intenção de criar uma imagem de Tito diferente da realidade, evidenciando que a sua intenção era somente “agradar seu mestre”. “Em suma, é fácil convencer-se de que Josefo era capaz de mentir. Suas mentiras são inúmeras” (DREXLER, 1925, p. 284 Apud YAVETZ, 1975, 418).

Josefo em seu relato sobre a destruição do templo, não somente reduziu como também suprimiu, problemas e fatos, que aos seus olhos seriam ininteligíveis para os seus leitores. Segundo Baer (1964, p. 420 Apud YAVETZ, 1975, 420), “É um fato que Josefo engana seus leitores usando a terminologia grega para problemas judeus”. De acordo com o mesmo autor fica claro que Flavio busca “distorcer os fatos de acordo com o seu argumento e interesse neles” (grifo nosso). Ele era próximo dos Romanos, por isso teve um olhar de “clemência” para com as atitudes e Tito com os judeus e isso influenciou na maneira como foi registrado o fato. Os laços pessoais deste historiador judeu não devem ser subestimados. Josefo claramente tinha objetivos bem específicos ao relatar a história da maneira como ele achava melhor e por isso deixou de ser fiel aos fatos. Não seria isso aplicável a outras partes de sua obra? Seriam os relatos feitos por ele tão confiáveis?

Com base em todos esses argumentos apresentados acima, com relação a documentos históricos, seria prudente aceitar a narrativa do desconhecido autor de I e II Macabeus como sendo confiável? Deveríamos encarar acriticamente o escrito macabeu? Segundo Abos Padilla (1991, p. 99) e Benedikt Eckhardt (2015, p. 287), a narrativa do autor de Macabeus e o registro históricos de Josefo a respeito do tema abordado, têm o propósito de glorificar a casa dos Hasmoneus, uma vez que eles haviam obtido o poder por meio de um ato de “usurpação”. Sabendo que Josefo utilizou-se do registro Macabeu para fundamentar alguns dos seus relatos históricos, faz-se necessário questionar as reais intenções do autor desconhecido macabeu com os eventos que abrangem a perseguição helenística de Antíoco, que serviu como relato histórico do cumprimento da profecia de Daniel de acordo com o historiador judeu.

6.3 ANÁLISE HISTÓRICA DOS MACABEUS

Dentre os registros históricos apresentados nos livros dos Macabeus, não há somente a revolta dos judeus. Mas, é também mostrado exaustivamente a perseguição que esses sofreram por parte de Antíoco IV Epifânio, que segundo o registro macabeu tinha o objetivo de “helenizar” o povo que vivia em Jerusalém e os demais lugares. Entre suas ações estão: a profanação do templo de Jerusalém (1 Macabeus 1:21-24; 2 Macabeus 5:15-16, 21), um holocausto em larga escala de civis (2 Macabeus 5:12-14), invasão de Jerusalém com a construção de um forte próximo ao templo, a Akra (1 Macabeus 1: 34-35) e a tentativa de mudar a religião judaica. Toda a reputação atribuída a Antíoco como um rei “perverso” e que praticou atos “horrendos” contra os judeus, foram fruto de uma reputação baseada apenas no registro macabaico. Em face deste evento e das aparentes contradições literárias encontradas nos livros, todo estudo que for feito nestes materiais deve ser observado de maneira crítica (BRUTTI, 2006, p.186).

6.3.1 A filosofia do horror e a teoria do monstro

Heather Macumber (2015, p. 4), em um artigo que aborda o “monstro” Antíoco, apresenta algumas diretrizes que podem fundamentar a ideologia de uma literatura em relação com a sua natureza. Em boa parte de seu artigo, o autor se dispõe a estabelecer prerrogativas que fundamentam dois aspectos: “monster theory” e “Horror Phylosophy”. Em resumo, para estabelecer a relação dos eventos entre os feitos pelas imagens apresentadas em Daniel e suas influências nos eventos históricos premeditados, necessitaria existir a imagem de um “monstro”, o que justificaria a descrição daniélica, e uma “filosofia de horror”, uma história ou acontecimentos que transformassem aquele “monstro” ali representado.

Antíoco encaixa-se perfeitamente em ambas as prerrogativas. Não apenas é encarado como o “anticristo” por muitos estudiosos (BALDWIN, 1991, p. 69), como também seus feitos são exorbitantes na visão dos mesmos, o que consequentemente poderia justificar sua posição na lista de representações bestiais de Daniel. O próprio autor macabeu construir um rei que possivelmente se encaixaria na profecia de Daniel. A partir desse objetivo, o autor buscou terminologias que trabalhassem não somente com sentimentos básicos do leitor, mas também para causar no leitor um aspecto de “medo” ou “terror” a quem tivesse acesso ao registro. (GRUEN, 2016, p. 248). Essas construções literárias, de acordo com Goldstein (1976, p. 34), são os “padrões do gênero popular grego de história patética”. De acordo com os padrões estabelecidos por Goldstein, o autor desse tipo de literatura trabalha com aspectos “sensacionalistas”, atrocidades e atos de heroísmo, não necessariamente de forma fidedigna ao fato. As intenções são outras, de acordo com Goldstein.

6.3.2 Revolta interna

Seguindo este pensamento, Himmelfarb (1998, p. 33-34) sugere que havia um desejo



de rebelião interna, vinda dos próprios judeus. Os judeus revoltados teriam se aproveitado da invasão Antioquena para emergirem com sua rebelião. Ou seja, os feitos de Epifânio apenas serviram de ensejo para o desejo interno de alguns judeus de se rebelarem. Feldmann (2011, p. 18) amplia este argumento ao afirmar que por trás dos decretos de Antíoco estavam os “judeus reformados de Jerusalém”. Segundo ele Jasão, que era sumo-sacerdote, e Menelau, foram os incentivadores dos decretos, com o objetivo de abolir a cultura judaica e integrar nela o aspecto grego helenístico. O resultado foi a série de revoltas e guerras descritas em Macabeus (GNIWISCH, 2019-2020).

Observa-se aqui um aspecto que distancia Antíoco de um interesse religioso ao sitiar e oprimir o povo judeu pois, como foi visto, o rei não apresentava ou demonstrava interesse em helenizar os judeus em seus aspectos religiosos, mas, sim os próprios judeus reformados. Fica claro, portanto, que o interesse dos governantes selêucidas, incluindo Antíoco, não tinha como objetivo a descaracterização e/ou substituição da cultura e religião de um lugar que eles governavam. Logo, suas intenções eram políticas, e não religiosas (SPANÒ, 2016, p. 137)

6.3.3 Apenas propaganda

Portanto, fica nítido que os autores dos livros de I e II Macabeus presumivelmente tinham a intenção de disponibilizar uma história que, segundo os argumentos acima mencionados, são “exageros” (BRUTTI, 2006, p. 191). Toda a narrativa de uma opressão brutal realizada por Antíoco, culminando na guerra entre Matatias e seu filho Judas contra as tropas do rei, foi tecida com um intuito que possivelmente não venha a convergir com a realidade dos fatos decorrentes da invasão antioquena. Isto demonstra que ambos os livros serviram apenas para “propagandear” (LANZINGER, 2015, p. 89) uma estória de um povo que lutou bravamente contra a opressão e venceu com a ajuda Divina e a interferência de Deus, o que supostamente se encaixaria na profecia de Daniel e assim permitiria o encerramento e cumprimento da mesma. Somados a essa narrativa, todos os eventos históricos registrados buscam favorecer a história dos Hasmoneus (HIMMELFARB, 1998, p. 32).

CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo a resolução da seguinte pergunta: poderiam os livros de primeiro e segundo Macabeus ser utilizados como fonte histórica-interpretativa do chifre pequeno de Daniel 8 como sendo Antíoco IV Epifânio? Em harmonia com os objetivos propostos e partindo dos questionamentos, foram apresentados argumentos com o intuito de exemplificar e contribuir para uma abordagem ao livro de Daniel sem o preconceito criado contra Antíoco IV pelas narrativas presentes nos livros dos Macabeus.

O capítulo um “Ponderações gerais da identificação do chifre pequeno” mostrou de maneira objetiva as principais posições teológicas e históricas em relação ao livro dos Ma-

cabeus e seus impactos na teologia e/ou na compreensão profética do livro de Daniel. Foi observado que existe uma divergência entre os autores em relação à confiabilidade do relato macabaico e a intenção do autor em descrever os fatos históricos compreendidos no período da invasão de Antíoco. Destacou-se ainda que não existe unanimidade interpretativa sobre a real intenção da invasão ou dos eventos históricos que compreendem as empreitadas antioquenas e de sua possível identificação do chifre pequeno de Daniel 8.

O capítulo dois “Os primeiros a utilizarem Macabeus”, discorreu a respeito das interpretações desses estudiosos e seus posicionamentos em relação à profecia de Daniel 8. Para isso, ele foi dividido em seções, para sinalizar de forma mais detida as abordagens que cada um fez em relação ao livro dos Macabeus e a profecia do chifre pequeno. Todavia, observou-se que em todos os casos estes estudiosos não partiram da profecia bíblica para o relato histórico, e sim o oposto, influenciando nas suas conclusões.

O capítulo três “escolas de interpretação profética”, expõe sobre as escolas de interpretação utilizadas no campo teológico, que ganharam maior notoriedade no século XVI. Dentre as apresentadas, o futurismo e preterismo são as que apontam, a profecia citada neste artigo, a Antíoco IV Epifânio como sendo o cumpridor de Daniel 8 quando marchou contra os judeus. Porém, como citado anteriormente, tanto a escola preterista e futurista desqualificam elementos bíblicos básicos, o que torna tendenciosas suas conclusões. O historicismo, por sua vez, compreende a interpretação vinculada à história e desqualifica Antíoco como sendo o cumpridor de tal profecia. O historicismo, entre as escolas citadas, apresentou-se mais confiável em suas ponderações, pois a mesma escola não utiliza de adaptações de tempos proféticos, respeitando o texto bíblico e a história nela envolvida.

O capítulo quatro “princípios normativos de canonização” abordou as diretrizes mais recorrentes que qualificam um livro ou texto como canônico ou não canônico. Em vista disso, Macabeus não se mostrou qualificável em nenhum dos critérios apresentados. Atualmente o livro é canônico nos escritos católicos, porém, pela história compreendemos que foi utilizado somente em resposta ao movimento de reforma do século XVI e para fundamentar doutrinas que não se harmonizam com o todo das Escrituras.

O capítulo cinco “Lidando com fontes históricas”, apresentou a maneira como um escrito histórico pode ser analisado e, fundamentalmente, as intenções e a confiabilidade do registro histórico. Foi mostrado que alguns autores buscaram descrever determinados eventos com o intuito de favorecer uma situação ou personagem. Isto foi exemplificado com o historiador judeu Flávio Josefo. A análise, revelou que ele não se mostrou confiável, subtraindo fatos e escrevendo claramente com o propósito de distorcer a história e favorecer o general romano Tito. Sendo assim, por mais que Josefo seja o primeiro e mais antigo a identificar o chifre pequeno sendo cumprido em Antíoco, o melhor a ser feito é buscarmos no próprio texto bíblico a melhor interpretação e, juntamente com isso, desvincular-se de todas as tradições interpretativas vinculadas a Macabeus.

Analisando o livro que fora base para Josefo, pode-se perceber uma certa incoerência em seus relatos. Primeiro, as ações atribuídas a Antíoco, conforme registradas nos livros



dos Macabeus, possivelmente não condizem com a realidade mostrada ou com a pintura de um rei perverso que destruiu a casa dos judeus. Segundo, existe nos livros dos Macabeus uma característica muito marcante nos gêneros de histórica grega, adotando uma filosofia de horror e de medo exercido por um personagem que, no caso do livro, é atribuído a Antíoco. Terceiro, existia um desejo de revolta interna, vindo dos próprios judeus que queriam helenizar os mesmos e distanciá-los das tradições judaicas, deixando evidente que o interesse de Antíoco era mais político que religioso. Por fim, o relato exagerado e super valorizado dos autores desconhecidos dos livros dos Macabeus, atesta uma história parecida mais com propaganda dos feitos judaicos do que um compromisso com a história real. Portanto, a conclusão alcançada neste artigo é a de que os livros de I e II Macabeus não deveriam ser utilizados como fonte histórica confiável para se identificar o personagem simbolizado por um chifre pequeno em Daniel 8:9-12.

REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, Pedro. **História do texto bíblico**. ed. 4. São Paulo: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 1990.
- BALDWIN, Joyce G. Daniel: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1991. p. 69.
- BENNETT, D. A pedra-reino de Daniel 2. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). **Estudos sobre Daniel**: origem, unidade e relevância profética. Tradução de Francisco Alves de Pontes e Fernanda Caroline de Andrade Souza. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.
- Bíblia Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. **Revista e Atualizada no Brasil**. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 896.
- Bíblia Sagrada**. São Paulo: Paulinas Editora, 2005. p. 1472.
- BRUCE, Frederick. F. **El Canon de La Escritura**. Tradução Elena Flores Sanz. Barcelona: Publicaciones ANDAMIO, 1988.
- BRUTTI, Maria. **The development of the high priesthood during the pre-Hasmonean period**: history, ideology, theology. Boston: Brill Leiden, 2006.
- Campbell, Tyler, **An Empire on the Brink of Destruction: The Stability of the Seleucid Empire Under Antiochus IV (175 B.C. - 164 B.C.)** (2014). HIM 1990-2015. 1660. Disponível em: <<https://stars.library.ucf.edu/honorstheses1990-2015/1660>> Acesso em: 25 set. 2020.
- Caroline Waerzeggers, "Facts, Propaganda, or History? Shaping Political Memory in the Nabonidus Chronicle". Em, Jason M. Silverman and Caroline Waerzeggers. (eds). **Political Memory in and after the Persian Empire**, Ancient Near East Monographs 13 (Atlanta: SBL Press, 2015).
- CHAMPLIN, Russell N. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Candeia, 2014



ECKHARDT, Benedikt "Achaemenid Religious Policy after the Seleucid Decline: Case Studies in Political Memory and Near Eastern Dynastic Representation". Em, Jason M. Silverman and Caroline Waerzeggers, eds., **Political memory in and after the Persian Empire**. Atlanta: SBL Press, 2015, 269-298. Disponível em: <https://www.academia.edu/19726161/Achaemenid_Religious_Policy_after_the_Seleucid_Decline_Case_Studies_in_Political_Memory_and_Near_Eastern_Dynastic_Representation> Acesso em: 27 out. 2020.

EDDY, Samuel K. **The King is Dead: Studies in the Near Eastern Resistance to Hellenism 334-31 B.C.** Lincoln: University of Nebraska Press, 1961

FELDMAN, Louis H. **The Maccabean Revolt: The State of the Question**. TO-GO Chanukah 5772. Yeshiva University Center for the Jewish Future. 9-18. 2011.

FERCH, Arthur J., "The Book of Daniel and the 'Maccabean Thesis'". Theology Papers and Journal Articles. Paper 6. (1983). Disponível em: <http://research.avondale.edu.au/theo_papers/6>. Acesso em: 15 abr. 2020

GEISLER, Norman L. 1932-; NIX, William. **Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós**. Tradução de Oswaldo Ramos. 1. ed São Paulo: Vida Acadêmica, 2013

GOLDSTEIN, Jonathan A. **I maccabees: a new translation with introduction and commentary**. Garden City: Doubleday e Company Inc., 1976.

GRABBE, Lester L. **Judaism from Cyrus to Hadrian**. Volume One: The Persian and Greek Periods. Minneapolis: Fortress, 1992.

GRUEN, Erich S. **The Construct of Identity in Hellenistic Judaism: Essays on Early Jewish Literature and History**. De Gruyter, 2016

GNIWISCH, Leibel. O Sumo Sacerdote na Tradição Judaica. **Revista Chabad**. Arquivo 5780, 2019-2020. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/4849016/jewish/O-Sumo-Sacerdote-na-Tradio-Judaica.htm> Acesso em 02 out. 2020.

HIMMELFARB, Martha. Judaism and Hellenism in 2 Maccabees. v. 19, n. 1, **Hellenism and Hebraism Reconsidered: The Poetics of Cultural Influence and Exchange I**. Spring: Duke University Press, 1998. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1773110>> Acesso em: 25 set. 2020.

HOLBROOK, Frank B. (ed.). **Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética**. Tradução de Francisco Alves de Pontes, Fernanda Caroline de Andrade Souza. 1. ed. São Paulo: Unaspress, 2011. v. 2.

Igreja Católica Apostólica Romana. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Editora Loyola, 2006. Disponível em: <<http://www.paroquiasaposse.com.br/anexos/Catecismo%20da%20Igreja%20Catolica%20%20Igreja%20Catolica%20Apostolica%20Roma.pdf>> Acesso em: 25 out. 2020.

JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém**. Obra completa. Tradução de Vicente Pedroso. 8. ed. Rio de Janeiro - RJ: CPAD, 2004.

LANZINGER, Daniel. History and Propaganda in i Maccabees 9:54. **Journal for the study of judaism**. v. 46. 86-102. 2015.

NIESIOLOWSKI-SPANÒ, Łukasz. "Antiochus IV Epiphanes and the Jews - A Reassessment". Em Ingrid Hjelm, Thomas L. Thompson (eds.), **History, Archaeology and the Bible Forty Years After "Historicity"**. Changing Perspectives 6. London – New York: Routledge, 2016.

MACUMBER, Heather. **A Monster without a Name: Creating the Beast Known as Antiochus IV in Daniel 7**. The Journal of Hebrew Scriptures. v. 15. n. 9. 2015.



MALUF, Lilian C. **Daniel no Antro das Ninfas**: Um Estudo Sobre o Desafio de Porfírio ao status Profético das revelações daniélicas e Sobre a Réplica de Jerônimo. Tese (Mestrado em História Cultural) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009

PADILLA, Ricardo Abos. "Defensa de Antíoco IV Epífanos. 47 ½ tesis sobre el libro de Daniel", **Theologika**. v 6. N 1 (1991). Disponível em: <https://revistas.upeu.edu.pe/index.php/r_theologika/issue/view/33> Acesso em: 25 de set. 2020.

RAMOS, José C. **Mensagem de Deus: como entender as profecias bíblicas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. p. 18.

ROBERT, A.; FEUILLET, A. **Introducion a la biblia**. Barcelona: Editora Herder, 1970. v. 1.

RYLE, Hebert E. **The Canon of the Old Testament**. London: MacMillan, 1904.

SANCHES, Edesio. **Descubre la Biblia**. Manual de Ciências Bíblicas. Miami: Sociedades Bíblicas Unidas, 1998.

SERRANO, Rafael A. **El Origen de la Biblia**. Tradução em espanhol: Raquel Monsalve, Illinois: Tyndale House Publishers, 2008

SHEA, H. William (ed.). **Estudos selecionados em interpretação profética**. Tradução de Francisco Alves de Pontes. 2.ed. São Paulo: Unaspress, 2016.

SPROUL, R. C. **Os Últimos dias Segundo Jesus**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016

STEFANOVIC, Ranko. **Revelation of Jesus Christ**: Commentary of the book of Revelation. Michigan: Andrews University Press, 2002

TAYLOR, Ross. **Uma breve introdução ao preterismo**. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/>>. Acesso em 2 out. 2020 p. 1-9

TANNER, Paul J. **The rise of Antiochus IV Epihanes and his assault against Judaea**. Disponível em <<https://www.semanticscholar.org/paper/THE-RISE-OF-ANTIOCHUS-IV-EPIPHANES-AND-HISASSAULT/b776de5c285b66837483564deefb2af47c4c45da?p2df>> Acesso em: 18 set. 2020

VILANOVA Jeová Dias. **Daniel 11**: Uma Análise das interpretações correntes. Tese (Mestre em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo. p. 100. 2016.

YAVETZ, Zvi. **Reflections on Titus and Josephus**. Greek, Roman and Byzantine Studies. v. 16. n. 4, 411- 432, 1975.